

SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O VALOR DA LOCALIZAÇÃO

Trecho da sessão de arguição do prof. Csaba Deák em seu concurso de titulação

FAUUSP, Janeiro 2007

Transcrição: Prof. Nuno Fonseca

(...)

Villaça: Acho que você já deve desconfiar que eu vou falar de algo que tem sido objeto das nossas reflexões. O professor Ablas já tocou no assunto. A produção do espaço.

Esse conceito e outro que vem atrelado a ele que é a localização são conceitos que eu acho que são extremamente difíceis, complicados, e eu procurando a origem dessa dificuldade cheguei à conclusão que eu nunca me deparei com um conceito tão encharcado de dialética como esse. Estou longe de ser um grande conhecedor de dialética, mas diante de tanta imbricação dialética, até eu desconfio, percebo, que a dificuldade desses conceitos vem de estarem encharcados de dialética. Um é a mesma coisa que o inverso do outro. Os dois processos se dão ao mesmo tempo e simultaneamente a ponto de eu estar convencido que a nossa linguagem fica impotente para discorrer sobre esses conceitos. A dialética está para a minha maturidade mais ou menos como a matemática esteve para a minha juventude. Eu achava um negócio muito complicado. Mas sem ela a gente não entende, não desvenda muita coisa.

Eu vou começar por te fazer duas perguntas curtas e grossas:

Qual é o produto da produção do espaço?

Segunda, qual é o produtor? Quem produz?

Se você me disser que o produto da produção do espaço é a localização, eu te perguntaria: mas localização não é algo muito abstrato? Não existe um produto material que é fruto da produção do espaço?

E tem uma terceira (pergunta). Qual é o valor? Se ele é fruto do trabalho, como você disse aqui, ele tem valor. Qual é o valor?

A respeito da produção do espaço. Como se distingue, se é que se distingue... Eu já em muitas ocasiões... Em algumas ocasiões, eu me deparei com o debate no qual se entendia como produção do espaço, a produção da infra-estrutura, a produção das ruas, a produção das praças, enfim a produção dos elementos físicos constitutivos da cidade. As ruas, as infra-estruturas, as praças, os parques, são o produto? Senão, o que é? Eu já perguntei, o que é o produto?

Os edifícios. Uma vez debatendo com alunos aqui da FAU, a produção da região da Vila Olímpia, Berrini, etc... Analisando a produção daquela região, a região do centro novo ou coisa que o valha, da São Paulo global, etc... Analisar aquele espaço restrito é

analisar a produção do espaço? Sim. Acredito que possa ser, mas a produção do espaço não seria mais do que aquilo? Aquilo lá é um elemento restrito do espaço. O que seria o espaço então, se é mais do que o conjunto de lotes, o loteamento fechado ou a Vila Olímpia?

No que a produção espaço, nesse sentido mais amplo, se distinguiria da produção dos seus elementos físicos constitutivos? Ou, caindo na minha segunda pergunta, qual o produto?

Você diz que o espaço é um suporte de relações. Aí eu distinguiria... Relações sociais está imbricado em tudo nesse processo social de produção. Eu imagino, eu sinto falta de algo mais material sobre as relações entre as localizações, ou que defina as localizações. Nesse algo mais material eu colocaria os transportes e as comunicações que freqüentemente vêm expressos junto, transportes e comunicações. Ou seja, que há relações sociais que dominam, que determinam, que condicionam a produção do espaço eu não tenho dúvidas. As relações de dominação... Por exemplo, eu estou estudando a tempos como que a segregação nas nossas metrópoles definem as condições da infra-estrutura. Definem que infra-estrutura é produzida, melhor ou pior. Em determinada pesquisa eu mostro que o Metrô atende a classe alta. Prioritariamente a classe alta. Então, que as relações sociais condicionam a produção da infra-estrutura, eu não tenho dúvidas. Agora, eu acho que tem uma relação mais material, mais física, se você quiser, que vai determinar as condições da localização. Que vai determinar a localização.

Como transportes e comunicações ... eu diria o seguinte: as comunicações anulam o espaço. Portanto elas não contribuem para a definição das localizações. Agora o transporte não. O transporte é o grande determinador das localizações.

Essa distinção eu não vi clara quando você, respondendo ao Ablas, comparou as localizações em duas categorias. Uma determinada pela infra-estrutura e outra pelas relações sociais. Aí você entendeu que as relações são determinadas pelos transportes (não está muito clara a frase na gravação). Eu vou te dizer qual a diferença e a importância dessa diferença. A localização determinada pela infra-estrutura pode ser reproduzida pelo trabalho. Eu posso ter na cidade da Europa, da Escandinávia, digamos, infra-estrutura no espaço urbano inteiro. E nem por isso as localizações são iguais. Então, a outra determinante da localização, essa que eu acho que você esqueceu, é a determinada pelos tempos de deslocamento. Então é a localização perto ou longe. É definida pelo perto ou longe. O tempo de deslocamento não pode ser reproduzido pelo trabalho, ou melhor, a localização enquanto tempo de deslocamento não pode ser reproduzida pelo trabalho. Eu não posso reproduzir duas esquinas da Paulista com a Augusta. A infra-estrutura pode ser reproduzida pelo trabalho. Então a localização enquanto definida pelo tempo de deslocamento vai ter... O tempo de deslocamento vai ser o fator determinante da localização. Mais determinante que a infra-estrutura pela razão que eu acabei de falar.

Uma das maiores dificuldades de se falar em localização é assim... o local é onde acontece isso. A localização é onde ocorre isso. Isso automaticamente diz que a

localização ou o local pré-existe, porque é nele que ocorre aquilo. Que é uma das maiores dificuldades de explicar que a localização, o local, não pré-existe em relação a nada. Ela é produzida simultaneamente com outras localizações. Cada casinha que se constrói na periferia, altera, é lógico que milimetricamente, todas as localizações da cidade de São Paulo. É mais fácil entender que o prédio construído na av. Paulista altera todas as localizações da cidade de São Paulo. A localização não é dada pelo uso do solo. Não é dada pelo uso em qualquer cidade. Por quê? Porque o terreno vazio, sem uso, tem localização. Tem localização embora não tenha utilização.

Eu fiz essas reflexões... É só isso, tirando as duas perguntas que eram bem claras e precisas. Sobre esse restante eu apenas pensei alto. Eu gostaria de ouvir as suas reflexões. Muito obrigado.

Csaba: A guisa de preâmbulo, antes de entrar nas perguntas curtas e grossas, refletindo sobre a questão da dialética que encharca a questão da produção do espaço e das localizações, eu acho que realmente é uma sensação inevitável se encaramos seriamente a questão analiticamente. Entre as muitas dialéticas que encontrei, uma delas é a questão da diferenciação e da homogeneização do espaço, seria o contrário, a questão da homogeneização e da diferenciação do espaço. Uma das finalidades da intervenção no espaço, sua transformação, construção de infra-estrutura, é uma homogeneização do espaço pelo menos ao nível que assegure sua coesão, ou seja, construir um espaço unificado. Mas ao implantar aquelas estruturas necessárias para que haja essa homogeneização, a presença dessas mesmas infra-estruturas acaba provocando uma diferenciação nas localizações, em seu entorno, de maneira que a homogeneização e a diferenciação acabam vindo de par, e um acaba suscitando o outro, numa relação que tem cunho dialético, se bem que eu nunca consegui identificar qual seria o antagonismo nesse movimento contrário entre os dois.

Então acabei desistindo de tentar ir até as últimas conseqüências da teorização do espaço e da localização e pensando mais no sentido como você colocou as perguntas curtas e grossas, ou seja, concentrar mais naquilo que a localização e a produção do espaço têm de especificidade prática, por assim dizer, como sustento da reprodução social, como suporte físico da reprodução social. Aí, nessa ordem de idéias, vem a primeira pergunta – qual é o produto da produção do espaço. É um assunto bastante abstrato, talvez. Na exposição que eu havia feito na segunda eu toquei um pouco, mas foi não mais que (rapidamente?), quando eu estava falando sobre a questão da velha Não é possível produzir os valores de uso representados pelas localizações dentro de um espaço enquanto mercadorias, não só porque capitais individuais não podem fazê-lo mediante lucro, senão que as localizações nem podem ser produzidas individualmente. O que a gente acaba produzindo no afã, no ímpeto de construir localizações, nós estamos construindo, na verdade, espaço, do qual as localizações fazem parte, e exatamente, como você chegou a mencionar a pouco também, a gente fazendo uma intervenção qualquer no espaço, altera o valor de uso de todas as localizações contidas nesse espaço.

Então qual é o produto da produção do espaço. O espaço é, mas os valores de uso utilizados pelos processos individuais de produção e de reprodução são materializados

nas localizações e não tanto no espaço como um todo. Se bem que evidentemente, o conjunto do espaço, a natureza, o nível de diferenciação, o nível de homogeneização, vai determinar em uma medida muito grande, de como é que o conjunto daquelas localizações e em última instância, o próprio espaço, poderá ser utilizado em seus inúmeros aspectos. Voltando à pergunta, qual é o produto da produção do espaço? É a localização, o conjunto de localizações. Agora aí você diz, e eu de certo modo estranhei você me chamar a atenção de que eu não dou a devida importância aos transportes e as comunicações na materialização das relações entre as diversas localizações dentro do espaço. Esse é um dos meus assuntos prediletos, de certo modo. Eu acho exatamente, utilizando aquele modelo matemático do espaço em que as localizações são pontos e que a natureza do espaço é definida pela maneira de deslocamento no espaço, na verdade como é que se mede as distâncias entre os diversos pontos, uma questão de métrica. No espaço nosso, construído, a distância entre duas localizações vai depender exclusivamente da infra-estrutura colocada, física, estruturas materiais, sejam de transporte, sejam de comunicações. A constituição dessas relações, isto é, a construção das infra-estruturas físicas que concretizam as relações entre as localizações é mesmo o movimento principal, fundamental, de produção do espaço. Produção do espaço consiste primordialmente na constituição dessas relações entre as localizações. Isso a parte a questão da propriedade privada. Construída a infra-estrutura, as localizações ficam, no espaço ainda abstrato, as localizações ficam materializadas em propriedades privadas. À cada uma delas corresponde um título de propriedade privada, e enquanto tal, pode ser vendida, tem um preço. Esse preço não será um preço de produção, mas um preço de mercado, uma vez que a localização não foi produzida. O que se constrói é o conjunto das localizações, o espaço, e não poderia se identificar um certo quantum de trabalho incorporado na produção de qualquer localização particular. De modo que o preço delas, as localizações, não é um preço de produção, senão um preço de mercado que se estabelece na competição por elas. Por isso que quanto mais diferenciado o espaço, maior será o preço das localizações e vice-versa. Aí, pulando a questão de quem é o produtor do espaço, já temos os elementos para responder qual é o valor do espaço, da localização, já que implica o trabalho na sua produção. É verdade que na produção das localizações houve um trabalho. Mas, como acabei de falar, esse trabalho não pode ser individualizado no âmbito das localizações particulares. Ele só pode ser identificado no nível coletivo. Na produção social que implicou na constituição do espaço como um todo, o conjunto de suas infra-estruturas materiais, é que implicou em um certo tanto de trabalho, mas que não pode ser individualizado no âmbito das localizações. Daí, qual é o valor de uma localização, já que implica trabalho? Então estamos na área da teoria do valor-trabalho, mas ...

A teoria do valor foi objeto de uma discussão muito longa na Inglaterra a partir dos anos 70 indo até meados dos anos 80. Depois meio que sumiu sem muita conclusão. Mas abordou a questão da transformação dos valores em preços, a questão da individualidade do valor, valor – trabalho incorporado. No caso de produção de mercadorias a coisa é um pouco diferente porque aí você pode individualizar a quantidade de trabalho necessário para a confecção de uma mercadoria em particular. Se essa quantidade corresponde de algum jeito ao valor daquela mercadoria e se o preço corresponde ao valor são questões que ficaram como objeto de polêmica durante muito tempo. Eu segui essa polêmica durante uns bons dois anos, e não

estava levando a lugar nenhum. Até que você pega o Aglietta e ele diz uma coisa que para mim acabou com essa história. E que para mim reapareceu na produção do espaço exatamente, mas o Aglietta fala das mercadorias em geral, e como tal eu acho que é um insight perto de genial. Ele diz exatamente isso: o valor das mercadorias, as mercadorias sendo um produto social, não pode ser individualizado. O que se pode dizer é que o trabalho social tem um certo valor como um todo. O produto do trabalho social. Mas que nas mercadorias individuais, a única coisa que aparece é o tal do lucro, na verdade totalmente desligado do valor das mercadorias e serve apenas como regulador da produção das mercadorias, isso é da quantidade a ser produzida de cada mercadoria. Eu acho que é isso mesmo. Aliás, a teoria do valor não nos leva a lugar nenhum. A Joan Robinson, tem um pequeno livro que se chama *Economic Philosophy*, Filosofia Econômica, em que, ao invés de falar em detalhes, ela fala dos grandes princípios das teorias econômicas. Lá ela diz que o Marx tinha essa teoria do valor como uma espécie de bruxaria. Com a crítica que fez da economia política, ele mostrou perfeitamente o fato da exploração do trabalho como base da relação de dominação entre as classes. A teoria do valor não era necessária para isso. A comparação que ela faz é com os pajés que tem as ervas que curam os pacientes e enquanto curam eles pronunciam palavras. A teoria do valor é a bruxaria para o Marx, ou seja um elemento supérfluo. Eu acho que isso é verdade. Não temos muito o que fazer com o valor. A não ser que se diga que valor que é, e aí você tem o valor de uso e o valor de troca, coisas concretas, agora valor assim, valor do trabalho eu acho que não.

Bom isso foi pulando a terceira pergunta, mas a terceira pergunta é fundamental, quem é o produtor do espaço. Independentemente de qual é exatamente a relação do espaço com a produção social, isso é, suporte de tais atividades de produção e reprodução, a atual produção é central, é fundamental para a formação da sociedade. Aí eu diria: justamente por o espaço não ser mercadorizável em seu todo ou em seus elementos constituintes -as localizações-, é por isso mesmo que o mercado fica inteiramente fora da produção do espaço, vale dizer, a produção do espaço escapa à tendência à mercadorização na produção capitalista. Se escapa ao mercado, só sobra uma instância que vai poder produzi-lo, é o Estado. O espaço é produzido coletivamente através da ação do Estado. Organizado através do planejamento, isso já decorre. O produtor do espaço é o Estado. Ainda tem o seguinte, depois de o Estado produzir, depois do Estado ter produzido o espaço, produzido ou transformado, é a mesma coisa, tendo resultado os valores de uso correspondentes das diversas localizações nesse espaço, tendo sido colocadas no mercado enquanto mercadoria na medida em que não tinham sido produzidas como tal, as localizações, ainda, e aí o mercado regular em uma certa medida o uso delas, ainda assim, nesse uso, o Estado tem de intervir de novo, necessariamente, porque o uso, a utilização das localizações apenas pela lógica do mercado resultaria em, aquilo que os economistas hoje chamam de deseconomias, prejuízos ao nível coletivo, cuja regulação precisa ser também coletiva.

Ablas: Csaba, é o seguinte: A questão era qual o produto da produção do espaço, qual o valor e qual o produtor? No caso do valor, você falou que o espaço teria preços de mercado.

Csaba: Não, a localização.

Ablas: Preço de mercado que seria diferente do preço de produção.

Csaba: É, não tem preço de produção.

Ablas: Acontece o seguinte, dos clássicos, se você pegar Marx, o preço de mercado é sempre um referencial. Eles estão trabalhando em termos de valor. Para o Smith de uma forma etérea. Depois, para o Ricardo, de uma forma concreta quando ele fala em (fenômeno relativos à) produção, incluindo o lucro, a diferenciação de capital, etc. e depois para Marx, é muito claro, ele fala em termos de valor, (quando ele fala da transformação do valor em preço)..... o preço de produção vem a ser a representação do valor dentro da economia capitalista, com a presença de lucros capitalistas,

O preço de produção vem a ser, dentro do regime capitalista, vem a ser a forma como o valor, numa sociedade mercantil simples, assume com dada presença do capital.

Se você raciocina que não existe preço de produção, mas apenas preço de mercado, fica um vazio. Não existe o preço de mercado sem você falar em preço de produção.

Csaba: Acho que é isso mesmo. A procura da correspondência entre o suposto valor e o preço se refere à produção de mercadorias. É justamente isso. A produção do espaço e suas localizações escapam à mercadorização.

Ablas: Você não pode ter preço de mercado sem ter...

Csaba: Sem ter a função de produção.

Ablas: Você tem produção. Dentro do raciocínio marxista, você tem que chegar ao detalhamento do preço de produção. Não tem outro jeito.

Villaça: Tem preço de produção. É difícil calcular, mas que tem, tem.

Csaba: O que você pode dizer é que o conjunto das localizações, isto é, o espaço como um todo teve um certo tanto de trabalho envolvido em sua produção, que você pode até quantificar. O que você não pode é individualizar o quanto daquele trabalho total foi para a produção desta ou daquela localização. Que é o que seria necessário para identificar os preços.

Villaça: Têm valor de uso diferentes.

Csaba: Têm valor de uso diferentes, e por isso terão usos diferentes, mas não significa [saber] o quanto de trabalho foi despendido [nelas individualmente].

Villaça: Eu sei que localizações mais centrais têm mais trabalho incorporado em sua produção que as localizações periféricas. Eu sei que a localização em Mogi das Cruzes tem menos trabalho incorporado em sua produção que uma localização em São Paulo.

(...)
